

A SOCIALIZAÇÃO DOS SURDOS NO PROCESSO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Vitor Silva Mendonça

Introdução: o filme “Filhos do Silêncio”

O filme “Filhos do Silêncio”, da década de 80, teve uma crítica bem favorável, tanto que recebeu quatro indicações ao Oscar, sendo premiado na categoria de melhor atriz com Marlee Matlin, que fez a personagem Sarah. Além de todo o contexto de romance que um filme norte americano explora bem, a história é interessante de se analisar, pois conta a vivência de um idealista professor de uma escola para crianças e jovens com problemas auditivos e na fala, chamado James Leeds. É um professor que encontra algumas barreiras institucionais para desenvolver seu trabalho, cuja didática era pouco convencional à época. Ao chegar à escola pela primeira vez e, se apresentar ao diretor como o novo professor, o diretor fica impressionado com o currículo, pois havia passado pelas melhores escolas, segundo o próprio diretor. Também comenta que o professor parece ter muita energia para o trabalho, conforme o trecho a seguir:

_ Imagino que tenha energia e novas ideias. Eu também tinha... Mas ninguém aqui está tentando mudar o mundo. Só queremos ajudar algumas crianças surdas a viverem melhor. Todo o resto é bobagem. Estou sendo claro? (Diretor).

_ Sim, creio que está! (Professor)

O professor de elocução e linguagem começa a desenvolver seu trabalho, sem levar em consideração a opinião dos outros, principalmente, o diretor da escola. James percebe que os alunos não desenvolviam nada para a melhora da deficiência, a escola parecia um “depósito” de crianças e jovens com problemas auditivos, sem qualquer estimulação. E então, realiza atividades nunca antes executadas pelos alunos, como: “sentir” um som de uma música, estimular a fala dos alunos em todos os ambientes (na sala de aula, em jogos, no recreio, entre outros). O professor procurava fazer diferente do que a escola estava

acostumada, ele se envolve socialmente com os alunos. Um fato interessante, ele procurava investir intensamente na fala dos alunos, isso fica claro durante todo o filme. Os alunos eram estimulados sempre e ele fazia questão da correção para uma boa pronúncia. E o diretor permanece na interferência das atividades do professor, mas esse último não se deixa abater.

Mais adiante no filme, o professor se aproxima de uma ex aluna da escola que se tornou funcionária, chamada Sarah, e a chama para ir ao restaurante. Lá, ela tem dificuldades para escolher o seu prato e o garçom faz uma sugestão. O professor James tem que fazer a tradução em sinais para Sarah. O garçom a olha com discriminação e Sarah afirma por meio da língua de sinais:

_ Ele me acha burra. (Sarah)

_ Ele não acha que você é burra. Ele acha que é surda. (Professor)

_ Ele acha sim. (Sarah)

_ Não, burro é quem pode ouvir, mas acha que os surdos são burros. (Professor)

Em outro momento do filme o professor tenta se aproximar de Sarah mais uma vez, para que ela o deixe ajudá-la a desenvolver a fala, mas ela se irrita e sai da sala, o professor sai correndo pelo corredor atrás dela e grita seu nome. O diretor e outro professor que passam por ele no corredor esboçam a seguinte reação para o professor James:

_ Gritando atrás de uma pessoa surda. Muito bem! (Diretor, em tom irônico)

_ Ele trabalhou nas melhores escolas. (Diretor para o outro professor)

Na cena seguinte, Sarah relata um pouco da sua dificuldade e dos momentos que era discriminada pelos colegas na adolescência, principalmente, os garotos. Relata ainda, que saiu de casa e fala da sua sexualidade e de como era tratada como objeto pelos meninos.

_ Os garotos não queriam aprender a minha língua. Esperavam que eu aprendesse a falar. Ora, eu não falo. Sexo era algo que eu podia fazer tão bem quanto as outras. Melhor. No início, eu transava com eles porque eles queriam.

Em pouco tempo... estavam todos na lista de espera que era administrada pela minha irmã. Sem apresentações, sem conversa. Apenas íamos a um lugar escuro e ... Eles nem mesmo me levavam para tomar um refrigerante antes. (Sarah)

A escola se prepara para o festival de outono, com a presença de todos os pais. Cada turma faz uma apresentação ou uma atividade, e a turma do professor James chama atenção dos pais pelo desempenho e desenvoltura dos alunos, pois eles se apresentam uniformizados como o grupo “Os Desafinados”, cantando e dançando, demonstrando melhoras nas relações sociais e cognitivas desses alunos. Os pais ficam impressionados. Os alunos do professor James se sentem realizados. Sarah assiste a apresentação e fica incomodada com o rápido desenvolvimento da fala dos alunos, a partir das aulas do professor James.

Sarah e o professor James já estão envolvidos emocionalmente e vão morar juntos. Toda vez que têm uma discussão eles acabam abordando a posição de Sarah de não querer aprender a falar. Em uma discussão, especificamente, Sarah expressa os seus sentimentos em relação à surdez:

_ Não estou preparada para nada, não tenho treinamento nenhum. Você me trata como uma idiota. Tenho pena de você. (Sarah)

_ Espere um minuto! (Professor James)

_ Me deixe ser como sou. (Sarah)

_ E eu não deixo? (Professor)

_ Você espera que eu seja surda... para transformar-me em alguém que ouve! Quer transformar e controlar. Você quer que eu fale. (Sarah)

_ Não, você que acha que eu quero. (Professor James)

_ Eu só quero ser eu mesma. (Sarah)

_ Ora, quem é você, afinal? (Professor James)

_ Eu decidi uma coisa. Ninguém, nunca mais irá falar por mim. (Sarah)

_ Ora, vamos! Como é que você vai se virar? (Professor James)

_ Todos sempre disseram quem eu sou, e eu deixei. Ela quer isso... Ela acha isso... Quase sempre estavam errados. Não sabiam o que eu queria ou pensava. E

agora, olhe as minhas mãos, são meus sinais, minha conexão, é simples. Isso é o que eu quero, mas você pensa por mim, como se eu não fosse ninguém. Isso é você, não sou eu. Até que me deixe ser alguém, como você é... nunca poderá entrar no meu silêncio e me conhecer. E eu não me permitirei conhecer você.
(Sarah)

E para finalizar este breve relato de cenas mais relevantes para a discussão seguinte, tem-se abordado a questão familiar de Sarah. Sua mãe, que não é surda, fala da cobrança da sociedade para com os pais de pessoas surdas, que precisam estimular seus filhos a falarem, e se não falam é porque falharam de alguma maneira. Sarah afirma que seus pais nunca a ajudaram, e que a mandaram embora de casa. A mãe justifica porque não sabiam cuidar dela e, o pai também não aceitava a filha assim. Ele sentia que havia falhado. Sarah diz que a mãe sempre a odiou, e a mãe confirma. Mas, pede perdão, e Sarah fica em seu silêncio. No final, Sarah perdoa a mãe e fala que sofreu muito quando era menor e, por isso, afasta as pessoas dela, sendo agressiva.

Objetivo

Problematizar o desenvolvimento da socialização da pessoa surda, a partir do processo educacional brasileiro.

Método

Este estudo se refere a um trabalho teórico, a partir de uma obra cinematográfica produzida nos Estados Unidos, no ano de 1986, por Randa Haines, intitulado “Filhos do Silêncio”. As análises e discussão da temática foram baseadas pelos aspectos conceituais da educação inclusiva, pelos processos de educação da pessoas com uma deficiência, no Brasil, e pela socialização do surdo na sociedade contemporânea.

Discussão: análise crítica

Primeiramente, é preciso pontuar que o período em que se passa o filme reflete um contexto bem diferente da realidade atual. Porém, faz-se pertinente a análise de alguns trechos e comportamentos que chamam atenção.

De início, fica clara a imposição pelo oralismo do professor James, tanto aos seus alunos quanto a Sarah. O oralismo, segundo Bueno (1998), Machado (2008) e Soares (s.n.), é um assunto bastante polêmico dentro da discussão acerca da educação dos surdos. Historicamente, o surdo tem sofrido uma imposição para língua dos ouvintes, até a própria escola tem contribuído, mesmo que indiretamente, pois, os professores e a comunidade escolar esbarram na aceitação de um aluno surdo junto aos ouvintes, principalmente, pelo despreparo.

Os seguidores e defensores do oralismo justificam que o principal objetivo deste modelo de educação é a adequação do surdo à realidade do ouvinte, mas, no fundo, sabe-se que na verdade é uma imposição ao surdo para que ele fale, pois, a inserção do surdo no ambiente social só ocorre com a superação da condição de surdez através do aprendizado da língua oral, o que para alguns autores é chamado de medicalização da surdez (Machado, 2008; Soares, s.n.).

Esse modelo é bastante difundido e defendido pela corrente, abordagem ou pressuposto chamado médico-patológico ou clínico. Para os seguidores dessa corrente, a surdez é percebida como uma patologia que necessita ser reabilitada para alcançar a condição dos ouvintes. Essa reabilitação é realizada por meio da terapia que possibilite o desenvolvimento da fala oral, com recursos técnicos, em que o aprendizado da fala se torne vital à vida humana. Portanto, a língua de sinais deve ser banida dos modelos educacionais, para essa corrente (Machado, 2008; Soares, s.n.).

É possível perceber, que o professor James tem um comportamento bem semelhante ao da corrente médico-patológico. A discussão do filme não entra por esse viés, mas a atitude do professor em querer estimular o desenvolvimento dos seus alunos, utilizando a fala, foi reconhecida pelos pais dos alunos. Essa atitude merece destaque, porque foi um professor que propôs e ousou a fazer diferente dos outros professores e do diretor, que tinham um

comportamento mais passivo e com uma ideia de que a escola era um local para se passar o tempo e não estimular o desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos surdos.

Em relação ainda a discussão da corrente médico-patológico, o indivíduo surdo é identificado como deficiente auditivo, evocando um preconceito e menos valia, além, é claro, o termo não implica a aceitação social da surdez e tem uma conotação ligada à doença, patologia ou anormalidade. Machado (2008) aponta que a imposição para que o surdo aprenda a modalidade oral da língua serve para aproximá-lo do padrão de normalidade.

Descamps (1994) explica que o conceito de normal e anormal remete a uma relação de exclusão de um para o outro. O normal indica um estado habitual, ideal, podendo ser também um modelo cultural referente à ordem existente, sendo que, cada sistema social gratifica quem obedece às suas normas. Dessa forma, se o surdo não segue o modelo padrão que é o ouvinte, ele fica excluído da convivência social.

Porém, muitos autores consideram que o surdo é um ser deslocado da cultura, entretanto, a corrente sócio-antropológica justifica o oposto. Essa corrente, que segundo Machado (2008) e Soares (s.n.), é um pressuposto divergente da corrente médico-patológico, considera a cultura do surdo como uma cultura de uma minoria linguística, e que não significa um isolamento, mas um direito de poderem pertencer a um grupo, de possuírem uma identidade.

Nessa corrente, o sujeito surdo passa a ser considerado diferente e não deficiente, dentro da comunidade surda. Comunidade surda? Sim, é assim que Bueno (1998) descreve o lugar onde os surdos se encontram e se sentem entre iguais. Contudo, esse autor admite que deva ser inserido na comunidade surda também aquelas pessoas que não são surdos, como os familiares do surdo que participam das atividades da comunidade.

O surdo, segundo a corrente sócio-antropológica, é um ser que desenvolve suas próprias potencialidades culturais, mesmo não ouvindo. Sendo assim, por ser o surdo desprovido do sentido da audição, ele desenvolve a visão como um canal sensorial para o processo cognitivo e constrói uma modalidade de língua diferente dos ouvintes, a língua de sinais, que desempenha todas as funções de uma língua, destacam Machado (2008), Sacks (2002) e Soares (s.n.).

Sacks (2002) é categórico ao afirmar que:

[...] a língua de sinais era completa, capaz de expressar não só cada emoção, mas também cada proposição e de permitir a seus usuários discutir qualquer assunto, concreto ou abstrato, de um modo tão econômico, eficaz e gramatical quanto a língua falada (p. 33).

Para ele, o oralismo e a supressão da língua de sinais acarretam uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas. Por isso, a língua deve ser introduzida e adquirida o mais cedo possível, senão seu desenvolvimento pode ser retardado e prejudicado (Sacks, 2002).

Uma grande discussão que circunda o processo da educação dos surdos se refere a qual língua ele aprenderá e se aprenderá mais de uma, por exemplo, a de sinais e a língua oficial do seu país. Alguns teóricos afirmam que o surdo pode aceitar sua surdez sem ter que seguir o padrão de vida dos ouvintes, dessa maneira, a língua de sinais fica sendo a língua materna e a língua oficial do país fica como segunda língua, abordagem chamada de educação bilíngue. Essa forma é defendida pela corrente sócio-antropológica, pela justificativa de não impor ao surdo a língua dos ouvintes (Machado, 2008).

Sacks (2002), também partilha da mesma ideia, e discorre que se uma pessoa, sem prejuízo na fala e na audição, aprendeu a língua de sinais como primeira língua, seu cérebro a fixará e a usará pelo resto da vida. Assim sendo, deve-se dar o direito ao surdo de poder usar a língua de sinais, haja vista que a língua assinala um desenvolvimento absoluto na natureza humana.

Sarah, no filme, tinha uma posição firme pelo uso da língua de sinais e era totalmente avessa a imposição do oralismo, ou seja, da língua dos ouvintes. Ela fazia questão de usar a sua língua e gostaria muito que as pessoas ouvintes entendessem, principalmente o professor James, pois era a forma dela se conectar com o mundo, mesmo tendo os outros decidindo por ela ou compreendendo de forma equivocada. Por mais que possa ser uma personagem, ela retrata um desejo da comunidade surda em ter sua língua valorizada e aceita pelos ouvintes.

Essa passagem retrata uma discriminação e exclusão dos surdos e da sua linguagem, como também é percebido no momento do filme em que Sarah e o professor James vão ao restaurante e o garçom discrimina e trata Sarah com diferença, deixando-a ofendida. Essas

situações só aumentam a segregação e o preconceito, impedindo ou desestimulando essas pessoas com algum tipo de necessidade de participarem na sociedade. E muitas vezes, a sociedade não acolhe as diferenças, o que reforça ainda mais o preconceito, que é a ação ou atitude de exclusão do mais “frágil” ou “anormal”, segundo Barros (2009).

Esse autor destaca que a integração é tida como uma das saídas de se tentar combater o preconceito e de reconhecer os direitos sociais, principalmente nas escolas, em que os alunos vindos de classes especiais possam ser integrados aos alunos normais (Barros, 2009).

O apoio familiar é fundamental nesses momentos, pois serve de amparo e suporte para enfrentar situações mais complexas. Tanto é que a autora Lígia Amaral (2004), no livro *Resgatando o passado*, traz relatos de suas vivências como pessoa com deficiência e afirma que enfrentou várias “portas” ao longo da sua vida e, com o incentivo da família, ela foi impulsionada e encorajada a abri-las. Porém, nem sempre a família está ali para apoiar, como a de Sarah, que a expulsou de casa, uma vez que o pai não aceitava a condição da filha. Em um dos relatos de Amaral (2004), também fica claro o comportamento ausente de seu pai, mostrando que a ficção também se repete na realidade. Entretanto, ao contrário da mãe de Sarah que não conseguiu enfrentar a situação e também abandonou a filha, a mãe de Lígia Amaral foi um exemplo de determinação e de luta pela filha.

Outro ponto em comum entre o filme e o livro de Amaral (2004) está centrado na questão da sexualidade. A personagem Sarah destaca que sempre foi usada como objeto pelos garotos e que se sentia triste porque não era convidada nem para tomar um refrigerante. A autora também relata momentos em que era discriminada pelos garotos, principalmente, na época da adolescência e das paixões. Em suas histórias, ela conta que já foi deixada por um garoto na pista de dança, porque revelou a ele que era deficiente. Discorre com detalhes a angústia do primeiro amor, em que ficara sempre num ambíguo de prazer e medo, esperança e descrédito. Dessa forma, explicita que a sexualidade da pessoa com deficiência é um campo muito delicado, mas que as pessoas normais não podem esquecer que elas possuem sentimentos também.

Considerações finais:

Para finalizar, é preciso destacar que há uma grande rivalidade entre o oralismo e o bilinguismo, no processo de educação dos surdos. Contudo, parece que a lacuna para se chegar a um consenso está diminuindo, a favor do bilinguismo. Pois, negar a língua de sinais e a identidade surda, inerente à tradição oralista, é impor ao surdo o modelo ouvinte, que tem gerado problemas no processo educacional, até mesmo na inclusão escolar (Machado, 2008).

Alguns autores, como Barros (2009) e Machado (2008), advertem que o processo de inclusão é uma forma de tentar inserir as pessoas excluídas da escola, no processo educacional brasileiro. Mas, é preciso cautela, porque essa inclusão tem que ser feita de modo que possa realmente incluir uma pessoa surda na comunidade ouvinte. Haja vista que, segundo esses autores, os alunos, muitas vezes, têm que se adequar a escola e não o oposto, que seria o esperado.

Machado (2008) traz exemplos de processos de inclusão que não deram certo na prática, pois os interesses dos surdos não estavam contemplados nas propostas educacionais, dessa forma, mesmo que o surdo esteja numa sala de ouvintes, ele não está integrado linguisticamente. Por isso, é preciso olhar com atenção o processo de inclusão escolar, senão a proposta de aproximar o surdo das pessoas normais pode dificultar o trabalho do professor e acarretar fracassos escolares. Para isso é fundamental a preparação das escolas para educar uma pessoa surda, como professores que saibam a língua de sinais, e facilitar a acessibilidade desses à vida social, uma vez que, a inclusão não deve ocorrer somente nas escolas, mas, fora dela também.

Portanto, uma coisa é certa, os profissionais da educação precisam repensar os modos e formas de postura e valores nas práticas educacionais de pessoas surdas, pois, não se pode tirar deles o direito ao uso da língua de sinais.

Referências

Amaral, L. A. (2004). *Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Barros, C. C. (2009). *Fundamentos filosóficos e políticos da inclusão escolar: um estudo sobre a subjetividade docente*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Bueno, J. G. S. (1998). Surdez, linguagem e cultura. *Cadernos CEDES*, 19 (46). Retirado em 26 de maio, 2011, de www.scielo.org

Descamps, C. (1994). Normal/anormal. In: *Enciclopédia Einaudi: inconsciente – normal/anormal*. Edição portuguesa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 23, pp. 379-389.

Machado, P. C. (2008). *A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Sacks, O. (2002). *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras.

Soares, R. S. (s. n.). *Surdez: pressupostos filosóficos que implicam nos diferentes olhares sobre a educação de surdos*.

Sugarman, B., Palmer, P. (Produtores) & Haines, R. (Diretora). (1986). *Filhos do silêncio* [DVD]. Estados Unidos da América: Paramount Pictures.

EIXO TEMÁTICO: PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO